



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de encerramento da 1ª Conferência Nacional de Educação Profissional e Tecnológica

Brasília-DF, 08 de novembro de 2006

Vamos denominar o dia de hoje como o Dia do Fico para o Fernando Haddad (comentário do presidente Lula em relação à frase “Fica, Haddad”, proferida por participantes da Conferência).

Meu querido Elias Vieira de Oliveira, presidente da Comissão Organizadora da 1ª Conferência de Educação Profissional neste País,

Meus companheiros e companheiras integrantes da Mesa,

Senhoras e senhores participantes desta Conferência,

Meu querido companheiro Fernando Haddad,

Meu caro deputado Alex Canziani, da Frente Parlamentar de Apoio ao Ensino Profissional,

Meu caro Eliezer Pacheco, secretário de Educação Profissional e Tecnológica,

Senhora Edna Batistotti, presidente do Fórum Nacional de Gestores Estaduais da Educação Profissional e Tecnológica,

Observadores do Mercosul,

Observadores dos países de língua portuguesa, da CPLP,

Meus queridos companheiros e companheiras, se me permitem chamá-los assim.

Eu estou vendo aqui mais deputados, estou vendo a Maria do Rosário, mas se ninguém me trazer a nominata, com os nomes de quem está aqui, eu não vou saber.



Mas o que é importante, na verdade, é o fato histórico de que esta é a primeira conferência nacional sobre Educação neste País. Esse é um fato inusitado. Antes das eleições, eu tinha dito ao Fernando Haddad que eu já tinha participado de 39 conferências nacionais e não tinha participado de nenhuma da Educação, e este é o primeiro ato de que eu participo depois das eleições.

Eu queria dizer algumas coisas que eu sinto sobre a necessidade do reforço da educação profissional e tecnológica no Brasil. Primeiro, toda vez que eu posso, eu conto a minha história para que ela possa servir de exemplo para outros milhões e milhões de meninas e meninos adolescentes deste País. Eu tenho a nítida noção do que significa um jovem com uma profissão e um jovem sem uma profissão. Eu tenho a nítida noção do que representa, na vida de uma pessoa, a possibilidade de arrumar um emprego tendo uma profissão, porque isso melhora a sua condição de vida, melhora a sua condição salarial e, conseqüentemente, pode melhorar a sua vida familiar. Eu diria até que o espaço para que ela possa, depois da profissão, galgar outros degraus na Educação, fica muito mais fácil.

Eu sempre me incomodei, porque eu fui o primeiro filho de oito a ter uma profissão. Por conta disso, eu fui o primeiro a ganhar mais que o salário mínimo, eu fui o primeiro a ter uma casa, eu fui o primeiro a ter uma televisão, eu fui o primeiro a ter um carro, pelo simples fato de eu ter aprendido uma profissão, que os meus irmãos não tiveram oportunidade de aprender. Então, para mim, quando eu falo na formação profissional da nossa juventude, é quase um compromisso de fé, não é um programa de governo ou um compromisso de campanha eleitoral. É um compromisso de fé. Porque ou nós apostamos nisso para tirar o País da eterna condição de país emergente e o colocamos na era dos países desenvolvidos ou nós, ao invés de ficarmos discutindo hoje que custa caro fazer a formação profissional, a gente vai discutir amanhã o quanto vai custar construir cadeias neste País para colocar



os jovens que não tiveram oportunidades de estudar.

Depois, uma mudança na cabeça de todos os membros do nosso governo é para com a história de utilizar a palavra gasto quando se trata de investimento na educação. Não tem nada mais rentável para o País do que a gente gastar na formação de um técnico ou na formação de um doutor, não tem nada que dê mais retorno ao País do que a formação no conhecimento, na inteligência, para que a gente possa se transformar, além de um país exportador de soja, exportador de suco de laranja, exportador de minério de ferro, exportador de sapato, que seja exportador de inteligência, exportador de conhecimentos. E isso passa pela qualificação da mão-de-obra.

Por fim, eu queria dizer para vocês que a experiência desses primeiros quatro anos demonstraram que, durante muito tempo, ao invés de nós avançarmos, nós retrocedemos no investimento à educação profissional e tecnológica. Houve todo um processo que começou com o ministro Tarso Genro, depois culminou com o ministro Fernando Haddad, para que a gente fizesse uma reversão no quadro negativista que estava acontecendo no Brasil e pudesse apresentar para a sociedade brasileira um alento à idéia firme de que nós iríamos recuperar a educação profissional e tecnológica no nosso País. Mas, mesmo no nosso governo, apesar de termos feito muito mais do que foi feito algum tempo atrás, nós ainda estamos aprendendo como fazer as coisas, porque mesmo nós temos seis ou sete programas de formação profissional para a juventude quando, na verdade, é preciso ter apenas um, com uma única orientação, para que a gente possa atender a totalidade das pessoas.

Quero dizer para vocês o que eu disse, textualmente, nesses últimos quatro meses, que o meu segundo mandato seria de: desenvolvimento, distribuição de renda e educação de qualidade, sem o qual não teria sentido eu ter concorrido às eleições. Eu não poderia ser presidente, novamente, para fazer as mesmas coisas que nós tivemos que fazer no primeiro mandato, para



criar as condições de eu poder chegar aqui hoje e olhar na cara de muita gente do Brasil inteiro e dizer: nós vamos fazer o Brasil ter um desenvolvimento mais eficaz, nós vamos fazer mais distribuição de renda e nós vamos apostar e investir na educação brasileira, porque ela é a base fundamental para que o Brasil cresça, se desenvolva e gere riqueza neste País. Esse é um compromisso de quem acredita cegamente nisso, de quem acredita piamente nisso. Não tem coisa mais triste do que um jovem, sobretudo de uma família de classe média baixa, estar fazendo um segundo colegial, o primeiro colegial, às vezes já está no terceiro colegial, sem perspectiva de entrar numa universidade, porque não pode pagar? O proUni ajudou, mas precisa ajudar muito mais.

E tem mais ainda. Hoje, nós temos, na sala de aula, por volta de 16 alunos por professor, e nós precisamos aumentar o número de alunos por professor, para criar mais vagas nas escolas federais, para que os jovens possam estudar neste País. E, quando você chega para um jovem que quer trabalhar, às vezes ele te procura e fala: “eu gostaria de ter um emprego”. E você pergunta: o que você sabe fazer? “Nada”. Porque ele está fazendo o ensino fundamental desligado de qualquer conotação de formação profissional. É preciso que a gente se reedue enquanto Nação, é preciso reeducar os projetistas das escolas brasileiras, é preciso reeducar os pensadores da Educação brasileira, para que cada escola esteja preparada para ensinar as matérias que tem que ensinar no ensino fundamental, mas que esteja colocado o ensino profissional concomitantemente, para que a gente possa dar mais oportunidade para essas pessoas.

O que nós vemos no Brasil de hoje são pessoas com diploma de bacharel, sem oportunidade de emprego e sem profissão, porque ser bacharel não significa ter uma profissão. Depois de formado, é preciso ter muitos anos de experiência para poder dizer “eu sou um profissional”. Ao passo que, se essa pessoa tivesse passado por um curso técnico, por uma escola



profissional, ela poderia, tranqüilamente, ter a certeza de que a chance de ter um emprego seria muito maior, até para que ela pudesse ter mais aprendizado e mais recurso. Não se esqueçam dos compromissos que eu assumi: em cada cidade-pólo deste País nós vamos ter uma escola técnica e uma extensão universitária. Eu quero ser cobrado outra vez.

Segundo, nós esperamos que o Fundeb seja aprovado para que a gente possa, com a aprovação do Fundo Nacional de Educação Básica, começar a cuidar das nossas crianças na creche, começar a cuidar das nossas crianças com 5, 6, 7 anos de idade, para que a gente possa garantir que, quando adentrem a escola no ensino fundamental, essas crianças não sejam chamadas de atrasadas ou de burras por algumas pessoas, que são mais burras do que a criança, que não entendem que a criança não teve oportunidade de estudar ou de entrar em uma pré-escola.

Quero terminar dizendo para vocês que esta é uma revolução que está em curso neste País. Não me perguntem quanto vai custar. Eu quero que me perguntem, daqui a 20 anos, quanto custou ao País a gente não fazer o que tem que fazer agora e já pela Educação brasileira, pela formação profissional e pela qualificação dos nossos professores e dos nossos funcionários. Chega. E eu tenho dito, publicamente: chega de tentar economizar às custas dos já miseráveis salários das pessoas neste País. É preciso que a gente economize em outras coisas, é preciso que a gente tenha consciência. Então, ao invés de ficar discutindo apenas onde cortar, nós temos que discutir onde crescer, como crescer e como fazer justiça neste País, que está precisando de justiça mais do que nunca.

Muito obrigado, boa sorte e que Deus os abençoe.